

## *Ca na terra nom achou el se duros corações nom. O percurso diacrónico de *senão* excetivo \**

Ana Maria Martins (anamartins@fl.ul.pt)

Sandra Pereira (spereira@clul.ul.pt)

Clara Pinto (claragpinto@gmail.com)

(FLUL/CLUL)

Dois estudos recentes sobre construções *excetivas* (assim chamadas por identificarem uma *exceção* relativamente a uma *generalização*), enquadrados numa vasta bibliografia sobre este tipo de construções que aqui não se cita por razões de espaço, mostram que as construções *excetivas* se repartem por dois tipos do ponto de vista sintático, podendo envolver subordinação como as estruturas com *ne ... que* do francês (O'Neill 2011) ou coordenação, como as estruturas com *excepto/salvo* do espanhol (Pérez-Jiménez & Moreno-Quibén 2012). Os dois tipos de estrutura são bimembres e legitimam processos de eclipse, segundo os mesmos autores. Mas separam-se em outros aspetos. Embora a interpretação *excetiva* seja composicional nos dois casos, nas estruturas de coordenação existe um elemento lexicalmente associado a essa interpretação (i.e., uma conjunção coordenativa *excetiva*, como *salvo/exceto*), o que não acontece nas estruturas de subordinação. Por outro lado, estas últimas têm necessariamente uma natureza 'correlativa', no sentido em que exigem a presença da negação e de um item de polaridade negativa (IPN), fonologicamente realizado ou nulo, no antecedente da oração *excetiva* (desta forma o antecedente introduz a generalização de cujo domínio será excluído o elemento que corresponde à exceção). Esta comunicação procura contribuir para o estudo das construções *excetivas* através da observação de dados de uma fase precoce do português antigo (PA) e tem, especificamente, os quatro objetivos que se enunciam a seguir.

1. Mostrar que as estruturas de subordinação *excetiva* não são necessariamente do tipo estudado por O'Neill (2001), que as descreve como estruturas aparentadas às comparativas elípticas, em que o complementador *que* introduz uma oração relativa que modifica a expressão nominal correspondente ao IPN (realizado ou nulo). O PA revela a existência de estruturas de subordinação condicional com eclipse e interpretação *excetiva*.
2. Mostrar que a subordinação *excetiva* pode transformar-se diacronicamente em coordenação *excetiva*, o que acontece quando elementos da construção primitiva são reanalisados e passam a estar lexicalmente associados à interpretação *excetiva*. No português, a sequência formada pelo conector condicional (*se*) e pelo marcador de negação (*não*) originou a conjunção coordenativa *excetiva* *senão*.
3. Sugerir que algumas propriedades das atuais estruturas de coordenação com *senão* *excetivo* (Matos 2003, Colaço 2005) devem ser compreendidas à luz do percurso diacrónico que as originou, nomeadamente a sua natureza 'correlativa' que determina a obrigatoriedade da negação associada a um IPN no antecedente do constituinte introduzido por *senão* e a possibilidade de o IPN ser nulo. Estas propriedades aproximam as estruturas com *senão* *excetivo* das estruturas com *ne ... que* do francês e distinguem-nas das *excetivas* com *salvo/exceto* tanto do espanhol como do português (*Je n'ai vu (personne) (d'autre) que Jean / Je n'ai vue que Jean / Não vi (mais) ninguém senão o João / Não vi senão o João / Não vi ninguém, exceto/salvo o João / \*Não vi exceto/salvo o João*).
4. Explicar o que motivou a reanálise da sequência [*se*-CONDICIONAL+*não*-NEG] do PA como uma unidade, mostrando que a mudança está associada a mudanças sintáticas do domínio da ordem das palavras na frase e sua relação com a estrutura informacional.

As estruturas relevantes do PA estão exemplificadas a seguir e mostram como em textos portugueses escritos no séc. 13 (ainda que transmitidos por manuscritos posteriores) há descontinuidade entre os dois elementos que virão a originar *senão* *excetivo*. O constituinte que separa a conjunção condicional da negação pode ser o sujeito, como em (1)-(2), mas é com muito mais alta frequência um complemento verbal como em (3)-(8). Em geral, a eclipse que ocorre na oração condicional inclui o verbo, embora se atestem também casos como (8)-(9) em que o verbo *ser* aparece realizado na oração condicional (note-se que o seu apagamento produziria uma sequência idêntica às dos restantes exemplos). A alternância entre realização ou não do IPN na oração principal também se atesta (*nom ha i al se morte nom / nom ha i se morte nom*, Demanda). Os exs. (2), (5) e (7) mostram a realização do IPN.

(1) *Nehuu outro nom no ousaria dizer se huu destes nom.* (Demanda)

(2) *nen mi-o sab' outren se Deus non.* (Cancioneiro da Ajuda)

- (3) *ca na terra nom achou el se duros corações nom.* (Demanda)  
 (4) *Tu jamais a ela tornarás, se em sonhos não* (José de Arimateia)  
 (5) *E sabe que nem por homem nem por molher, se por mim nam, a poderás cobrar* (José de Arimateia)  
 (6) *E assi andou quatro dias que nom comeo nem bebo, se pouco nam.* (José de Arimateia)  
 (7) *que nunca devedes fazer | en nulha cousa se ben non.* (Lírica galego-portuguesa)  
 (8) *que jamais coração mortal nom as poderá conhecer, se pello Santo Spiritu nom é.* (Demanda)  
 (9) *Eu nom sei cavalleiro no mundo por que a leixasse, se da Mesa Redonda nom fosse* (Demanda)

Dois questões se colocam relativamente a estas estruturas do PA: a) qual a posição estrutural que ocupa o constituinte colocado entre *se* e *não*? b) por que deixou essa posição de ser ocupada levando a que *se* e *não* ocorressem sempre adjacentes e viessem a ser reanalisados como uma unidade? Muitas das frases atestadas mostram o objeto a anteceder a negação, o que indica tratar-se de estruturas OV (com elipse de um constituinte que geralmente inclui o verbo). São portanto estruturas em que o objeto se moveu para uma posição relativamente alta na frase, já que o PA tinha ordem básica SVO. Martins (2011) descreve a ordem (S)OV no PA como um caso de *scrambling* de média distância, em que o objeto é deslocado para a periferia de IP de modo a criar uma configuração em que um constituinte deixado na posição final da frase adquire proeminência informacional (como nos casos de *scrambling* de curta distância do português contemporâneo). Mas esta análise não convém às frases acima porque aí o constituinte movido para a esquerda não perde proeminência informacional, antes é, pelo contrário, o constituinte informacionalmente mais importante. Um outro facto indica que a ordem OV das frases (3)-(9) não é a ordem OV descrita por Martins. Enquanto que esta se encontra nos textos portugueses pelo menos até ao séc. 16, aquela desaparece radicalmente já no séc. 14, época a partir da qual as construções excetivas relevantes já não admitem descontinuidade entre *se* e *não*. Poremos sobre a mesa a hipótese de que numa fase inicial do PA existiam duas posições possíveis para um foco informacional ou um constituinte informacionalmente proeminente (ainda que não fosse um foco informacional estreito): a posição à direita da frase (que veio a tornar-se exclusiva e que se atesta desde os primeiros textos até aos nossos dias), e uma posição na periferia esquerda que foi identificada quer para o latim (Devine & Stephens 2006) quer para outras línguas românicas antigas (Sitaridou 2011, entre outros), mas que no português não ultrapassa temporalmente o séc. 13. Perdida a possibilidade de marcar proeminência focal à esquerda, desapareceram as frases em que a descontinuidade entre *se* e *não* constituía um indicador claro para a análise dessas estruturas excetivas como condicionais (o constituinte “focado” passou a estar sempre à direita de *não*) e abriu-se caminho para a reanálise que levaria à emergência da coordenação com *senão* excetivo. O facto de uma das possíveis derivações da ordem OV se ter perdido na transição do séc. 13 para o séc. 14 manifesta-se num indicador quantitativo, nomeadamente o decréscimo da frequência da ordem OV nos textos do séc. 14 e seguintes.

#### REFERÊNCIAS:

- Colaço, Madalena 2005. Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extração. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Devine, A. M. & Laurence D. Stephens 2006. *Latin Word Order : Structured Meaning and Information*. Oxford University Press. Martins, Ana Maria 2011. "Scrambling and Information Focus in Old and Contemporary Portuguese". *Catalan Journal of Linguistics* 10: 1-26. Matos, Gabriela 2003. "Estruturas de coordenação". In: Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. O'Neill, Teresa 2011. "The Syntax of *ne ... que* Exceptives in French". *NYU Working Papers in Linguistics* (NYUWPL) 3: 199-230. [Neil Myler & Jim Wood, eds.]. Pérez-Jiménez, Isabel & Norberto Moreno-Quibén 2012. "On the syntax of exceptions. Evidence from Spanish". *Lingua* 122(6): 582-607. Sitaridou, Ioanna 2011. "Word order and information structure in Old Spanish". *Catalan Journal of Linguistics* 10: 159-184.

\* Partially funded by the European Research Council, ERC Advanced Grant 2011, GA 295562.